

OMNIA

SAÚDE

Faculdades Adamantinenses Integradas (FAI)
www.fai.com.br

LIDÓRIO, Auriciene P. de Araújo. O sofrimento psíquico do profissional da religião: interfaces psicoteológicas contemporâneas. *Omnia Saúde*, v.9, n.2, p.06-27, 2012.

Recebido em: 14/09/2012

Revisado em: 20/11/2012

Aceito em: 22/12/2012

O SOFRIMENTO PSÍQUICO DO PROFISSIONAL DA RELIGIÃO: INTERFACES PSICOTEOLÓGICAS CONTEMPORÂNEAS

*SUFFERING OF PROFESSIONAL PSYCHIC RELIGION: INTERFACES
CONTEMPORARY PSYCHO-THEOLOGICAL*

Auriciene P. de Araújo Lidório

Psicóloga (UEL)
Teóloga (FTSA)

RESUMO

Este artigo tem por objetivo identificar as pressões existentes no trabalho do profissional da religião. O método do estudo é qualitativo e o delineamento é da pesquisa bibliográfica. Sabe-se que a religião para o ser humano pode trazer inúmeros benefícios, contudo as organizações religiosas podem provocar sofrimento psíquico nos seus profissionais conforme as condições de trabalho que são criadas e aquelas que são inerentes à natureza do trabalho, sendo, portanto, um desafio às condições de saúde. Os resultados indicam que a espiritualidade e a religiosidade apresentam sentidos distintos, mas imbricados; que o trabalho pode gerar sofrimento ao trabalhador e uma forma de defesa é pelo uso de ideologias defensivas. Conclui-se que o profissional da religião precisa ser cuidado quanto à sua saúde física e psíquica.

Palavras-chave: Sofrimento Psicológico; Religião; Trabalho; Ideologias Defensivas.

ABSTRACT

This article aims to identify the pressures existing in the professional work of religion. The method of the study is qualitative and delineation is the literature search. It is known that religion for humans can bring numerous benefits, however religious organizations may cause psychological distress in their professional as working conditions that are created and those that are inherent in the nature of work, and is therefore a challenge health conditions. The results indicate that spirituality and religiosity have different meanings, but interwoven, that the work may cause suffering to the worker and a form of defense is the use of defensive ideologies. It follows that religion needs to be professional care for their physical and mental health.

Keywords: Psychological Distress; Religion; Work; Defensive Ideologies.

INTRODUÇÃO

Ao mesmo tempo em que a religião seja para o ser humano um fator de extremo benefício, a forma errônea como nos utilizamos dela pode sim nos confundir e nos deixar em condição de sofrimento, principalmente se isso também vem implicado nas

condições de trabalho vigente, como é o caso do profissional da religião. A espiritualidade e a religiosidade (ou religião) podem ser fatores de auxílio no enfrentamento (*coping*) dos problemas e doenças mentais, que no decorrer da vida nos deparamos, como estresse, depressão, etc., porém, muitas vezes o alívio que a religiosidade pode proporcionar, diante das frustrações, passa a ser comercializado pelo profissional que detém o poder de traduzi-la para o seu público, que é alvo do seu trabalho. Lidar com toda essa realidade da vida faz com que esse profissional precise sublimar seus sentimentos de insatisfação e seus reais desejos, substituindo tudo por algo que é cerimonial e repetitivo, sendo que ele vai tentando esconder os sintomas dessa angústia e tentando negar o problema.

É preciso para tanto, ao observarmos a vida do profissional que trabalha no meio religioso, localizar como ocorre esse processo de sublimação descrito acima, e tentar compreender o real entendimento dos conceitos de transcendência e imanência na percepção do sentido do espiritual e das vivências do religioso.

Esta situação do profissional da religião inserido no seu ambiente de trabalho, e suas necessidades de acompanhamento psicológico é a motivação para esta pesquisa. Nesse intuito, foram pensadas questões acerca de como o profissional do serviço religioso se constrói em sua própria identidade e nas suas relações com o trabalho, se estabelece, para também se desestruturar e se esvaziar de si mesmo, numa rotina repleta de ambivalências, onde o mesmo poder pessoal que usa para buscar saídas para os outros, por causa de sua dedicação alienante, o esgota em sua própria subjetividade para lançar mão de poderosas defesas egóicas.

OBJETIVO

Nosso objetivo central é identificar as pressões que o ambiente organizacional pode provocar no líder religioso e traçar os efeitos para a saúde desse líder, como também as influências no trabalho junto à comunidade que lidera.

METODOLOGIA

Esta pesquisa se inscreve no método qualitativo onde como referido por Richardson (1999):

“tem como objeto situações complexas ou estritamente particulares. [...] podem descrever a complexidade de determinado problema, analisar a interação de certas variáveis, compreender e classificar processos dinâmicos vividos por grupos sociais, contribuir no processo de mudança de determinado grupo e possibilitar, em maior nível de profundidade, o entendimento de particularidades do comportamento dos indivíduos” (RICHARDSON, 1999 p.80).

O estudo foi realizado de acordo com os critérios de pesquisa bibliográfica onde a correlação dos trabalhos de alguns pensadores e teóricos tanto da área de teologia quanto de psicologia dão sua contribuição ao entendimento do que está posto acerca da realidade que envolve o profissional do serviço religioso.

Entende-se por pesquisa bibliográfica:

“a que se desenvolve ao longo de uma série de etapas. Seu número assim como encadeamento, depende de muitos fatores, tais como a natureza do problema, o nível de conhecimentos que o pesquisador dispõe sobre o assunto, o grau de precisão que se pretende conferir à pesquisa” (GIL, 2002, p. 59).

Nisso podemos distinguir duas etapas, onde na primeira podemos perceber a definição e aproximação do tema, obtidas com leituras e levantamento de bibliografias que abordam a problematização, e na segunda a elaboração dos elementos textuais e seu desenvolvimento de acordo com os pressupostos da análise qualitativa.

A partir dos dados analisaremos o pensamento, que se baseará em um olhar da psicodinâmica e da teologia sistemática e contemporânea, e assim, poderemos vislumbrar um perfil do sofrimento psíquico que é referido nas páginas do Texto Sagrado, continua incontestável e sua evidência está posta entre nós nos dias de hoje.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O paradoxo entre a espiritualidade e a religião gera um vazio existencial na vida do profissional que trabalha como pastor e é líder/administrador de uma Igreja, congregação ou mesmo uma denominação inteira, que compõe uma reunião de igrejas, escolas, departamentos, e tudo o que coopera para formar a estrutura da denominação inteira.

Ao mesmo tempo em que ele entende a sua espiritualidade e convive com ela dentro do seu íntimo ele também, na sua externalização e concretudes objetivas da religião, se frustra ao não conseguir expressar ou mesmo demonstrar empiricamente tal vivência. O vazio existencial como tal experimentado no abismo entre a espiritualidade e religião é que parecem causar grande parte das frustrações nesse campo e principalmente do seu próprio trabalho, onde ele tem sensações transcendentais não comunicáveis às situações imanentes que experimenta no seu dia a dia.

Entre a realidade íntima e interior, do contato e da vida com o divino e a prática religiosa no seu trabalho em comunidade, na imanência concreta da vida existe essa grande lacuna que causa questionamentos, desregramentos, frustrações, auto-avaliações depreciativas por não conseguir, principalmente, atingir o nível exigido pela transcendente espiritualidade.

A relação do homem com deus: espiritualidade e religião

De início, precisamos entender de forma mais compreensiva o significado do conceito de espiritualidade, que como vemos explicado no Dicionário Michaelis, é a qualidade do que é espiritual, que também é colocado como sinônimo pelo dicionário Priberam da língua portuguesa (2010). E em relação ao conceito de religião temos pelo mesmo dicionário Michaelis (2009, p. 1) que religião é:

“serviço ou culto a Deus, ou a uma divindade qualquer, expresso por meio de ritos, preces e observância do que se considera mandamento divino. Sentimento consciente de dependência ou submissão que liga a

criatura humana ao Criador. Culto externo ou interno prestado à divindade. Crença ou doutrina religiosa; sistema dogmático e moral. Veneração às coisas sagradas; crença, devoção, fé, piedade. Prática dos preceitos divinos ou revelados. Temor de Deus. Tudo que é considerado obrigação moral ou dever sagrado e indeclinável. Ordem ou congregação religiosa. Ordem de cavalaria. Caráter sagrado ou virtude especial que se atribui a alguém ou a alguma coisa e pelo qual se lhe presta reverência. Conjunto de ritos e cerimônias, sacrificais ou não, ordenados para a manifestação do culto à divindade; cerimonial litúrgico. Reconhecimento prático de nossa dependência de Deus. Instituição social com crenças e ritos. Respeito a uma regra. Instituição social criada em torno da ideia de um ou vários seres sobrenaturais e de sua relação com os homens”.

Portanto, de acordo com isso, também entender o que pressupõe ser espiritual e ponderar que tal conceito não pode está dissociado do entendimento de relação com um Deus que é espírito, como também tentar compreender o que está implicado nessa relação que podemos perceber como um conteúdo imaterial e praticamente subjetivo. Como podemos perceber pela citação de Berkhof (2000) a seguir:

“A teologia reformada sustenta que Deus pode ser conhecido, mas que ao homem é impossível ter um exaustivo e perfeito conhecimento de Deus, de modo algum. Ter esse conhecimento de Deus seria equivalente a compreendê-lo, e isto está completamente fora de questão: “Finitum non possit capere infinitum”. Ademais, o homem não pode dar uma definição de Deus no sentido exato da palavra, mas apenas uma descrição parcial. Uma definição lógica é impossível porque Deus não pode ser consubstanciado de forma sumária debaixo de algum gênero mais alto. Ao mesmo tempo, sustenta-se que o homem pode obter um conhecimento de Deus perfeitamente adequado à realização do propósito divino na vida do homem. Contudo, o verdadeiro conhecimento de Deus só pode ser adquirido graças à auto-revelação divina, e somente pelo homem que aceita isso com fé semelhante à de uma criança. A religião necessariamente pressupõe tal conhecimento. Este conhecimento é a mais sagrada relação entre o homem e seu Deus, relação na qual o homem tem consciência da absoluta grandeza e majestade de Deus como o Ser Supremo, e de sua completa insignificância e sujeição ao Altíssimo e Santo Ser. E se isto é verdade, segue-se que a religião pressupõe o conhecimento de Deus no homem. Se o homem fosse deixado absolutamente nas trevas a respeito do Ser de Deus, ser-lhe-ia impossível assumir uma atitude religiosa. Não poderia haver reverência, piedade, temor de Deus, serviço de adoração” (BERKHOF, 2000 p.22).

Fazer uma definição da diferença entre a espiritualidade e a religião nesse momento, portanto, se faz necessário, principalmente porque esse tipo de pensamento permeia o meio de vida do profissional que se dedica profissionalmente ao trabalho no meio das igrejas protestantes e que se denomina religioso.

A religião tem mais a ver com rituais e cerimônias e a espiritualidade pressupõe mais um relacionamento pessoal com o ser divino. Isso afeta diretamente o âmbito pessoal, pois a grande exigência de ser parecido com Deus gera uma incerteza de que a vida pode ser vivida desta forma e leva o meio religioso para a prática de uma espiritualidade mais dentro dos templos, através de rituais, cultos e práticas da “vida espiritual”, principalmente porque o relacionamento gera uma condição precária da vida, comparando-se com Deus e nos rituais e cerimônias isso é mais leve, pois basta cumprir-se tudo o que se colocou como forma para a vivência destes ritos o que trará satisfação do ser divino da vida do religioso.

Ceccarelli (2012) explica que esta vivência é sócio-histórica e este processo está no imaginário cultural, referenciando-se a Freud, quando diz:

“Isto significa que o mal-estar (Unbehagen) inerente à cultura manifesta-se em ressonância com momento sócio-histórico em questão; e, da mesma forma, cada época utiliza-se do imaginário cultural tanto para explicá-lo quanto para mascará-lo. É neste sentido, assim me parece, que Freud escreve sobre as três fases da evolução do pensamento da humanidade – a animista, a religiosa e a científica – cada uma tentando, a sua maneira, lidar com o desamparo (Hilflosigkeit)” (CECCARELLI, 2012 p.03).

A espiritualidade e a religião não estão no mesmo campo de visão ou cosmovisão. A espiritualidade é transcendente e como tal não tem condição de ser contida ou mesmo vivenciada de forma concreta. A religião, por sua vez é essa tentativa de dar concretude aquilo que não pode ser objetivado.

Deus é concebido pela religiosidade contemporânea como um ser afastado do convívio ou da intervenção na história humana, pois é absoluto e não pode ser visto ou tocado e é exclusivo e único, sendo então santo na sua concepção. Esse ideal, cada vez mais alto, assegura aos profissionais do meio religioso uma tentativa de "ser deus" na terra, assim, em contraponto com sua humanidade que aparece todos os dias, há um espaço onde projeções e expectativas são criadas e falham. Moltmann (1993) explica esse conceito a partir de sua demonstração da transcendência imanente de Deus na terra:

“Enquanto Deus foi concebido como sujeito absoluto, o mundo foi visto como objeto de sua criação, preservação e redenção. Quanto mais transcendente a concepção de Deus tornou-se, mais imanente eram os termos em que o mundo era interpretado. Através do monoteísmo do sujeito absoluto, Deus estava cada vez mais esvaziado de sua ligação com o mundo, que cada vez mais foi secularizado. Como resultado, o ser humano - uma vez que ele era a imagem de Deus na terra - deveria ser entendido como sujeito de conhecimento e vontade e deveria confrontar seu mundo com seu objeto. De fato, apenas tinha um só caminho para assemelhar-se ao seu Deus, Senhor do mundo: o de dominar a terra” (MOLTMANN, 1993 p.01)

Esta percepção da espiritualidade secularizada contesta de certo modo a ideia teológica da realidade do Ser de Deus, pois a ideia de trazer a espiritualidade para o nível da religiosidade ou mesmo tatear a espiritualidade pela religião infere em não entender que, como postulado por Berkhof (2000, p.11), Deus “um ser pessoal auto-consciente,

auto-existente, que é a origem de todas as coisas e que transcende a criação inteira, mas ao mesmo tempo é imanente em cada parte da criação”. Como se distante fosse e impossível de ser percebido.

Quando olhamos objetivamente para o meio religioso contemporâneo entendemos que há alguma coisa fora do lugar e esse objeto que se move fora do ritmo é causado principalmente por dois motivos: Em *primeiro lugar* a falta de uma visão contextual em meio à vida comum, produzindo fiéis alienados e alienantes, pessoas que não conseguem agir e interagir em meio ao *mundo secular* sem sentir um vazio religioso, como se estivessem em pecado constante. Quanto a isso Peterson (2009) se refere dizendo:

“As pessoas que se reúnem em nossas congregações querem ajuda numa hora de dificuldade; querem um sentido e significado para as empreitadas da vida. Elas querem Deus, de certa forma, mas certamente não um “Deus zeloso”, nem o “Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo”. Em geral querem seus próprios deuses e ter o controle, mas precisam de ídolos assistentes para as horas difíceis, e é o pastor que mostra como fazer isso. Como desenvolvimento das linhas de produção, estamos fabricando esses ídolos em grandes quantidades, em cores variadas e em formatos que agradem a todos os gostos. A percepção teológica de Calvino somada à tecnologia de Henry Ford é igual a religião americana. Quando se vive no país do bezerro de ouro como vivemos, é fácil e atraente ser um pastor bem-sucedido como Arão” (PETERSON, 2009 p.81).

E em *segundo lugar*, podemos apontar também uma interpretação do texto sagrado de maneira literalista desprovida da devida contextualização de uma mensagem para o dia a dia da vida o que leva para além da interpretação dos textos uma construção alegórica.

Conceito de imanência e transcendência

Quando olhamos para a expressão “Imanência” está se pensando basicamente na condição humana da vida do dia a dia, da concretude das relações, dos objetos, das coisas, da vida comum e ordinária, daquilo que pode ser visto, medido, objetado, de certa forma sentido; o conceito da imanência tem sempre a ver com a percepção de Deus em meio a vida humana, principalmente no conceito teológico da encarnação do filho de Deus (Jesus ter vindo como ser humano para viver a vida comum das pessoas). Essa imanência é percebida, vivida e concretamente é a base da vida humana, porém no contraponto com a transcendência, que é inalcançável.

De acordo com o teólogo Paul Tilich (1985, p. 40), o significado de imanência é:

“O conceito da presença de um objeto místico, sagrado, na vida cotidiana. Ser imanente significa ser presente na vida do outro, principalmente objetando-se a respeito de Deus que se faz presente (geralmente a visão é de Jesus) na vida da humanidade. Imanência é Deus no mundo” (TILICH, 1985 p.40).

E em relação ao conceito de transcendência esse mesmo autor em outro momento da sua obra teológica pontua de forma significativa que:

“esse é o conceito do fundamento ontológico dos que possuem a coragem de transcender o mundo que vivem. Essa coragem leva as pessoas a tentarem encontrar o poder para ser no mundo imanente. É trazer para si o contato com o sagrado ou elevar-se para estar a altura dele. A transcendência é Deus acima do mundoautor (TILICH, 2005 p.268).

A imanência tem a ver com o mundo religioso da prática dos rituais e cerimônias e a transcendência com a espiritualidade relacional com o ser divino. Ao entrar na realidade imanente, a espiritualidade transcendente entra em conflito na vida do religioso, pois a comparação entre uma e outra vivência gera um abismo daquilo que se consegue viver e fazer e aquele alvo que a transcendência pressupõe. Esse é um equívoco da vida religiosa principalmente ao objetar nesta distância entre um e outro.

A própria teologia deveria ter sido capaz de suprir esta falta, onde o conceito da “entrada de Deus” na vida humana como ser humano, deveria jogar por terra grande parte da necessidade de se viver de maneira “separada do mundo secular”, pois foi o que justamente essa encarnação veio fazer, apresentar e provar – que a vida humana pode ter uma espiritualidade realista, factual e não apenas uma vida que tem a ver com um mundo irreal para o ser humano, não concreto.

Portanto, há uma nítida percepção do quanto cada conceito e o sentido de apreensão de cada um podem implicar a uma confusão de papéis e obviamente isso no dia a dia do profissional que se destina a cumprir com uma carga de trabalho com esse objetivo tem em si um nível de esgotamento psicológico e até poderíamos arriscar dizer momentos de confusão mental, quanto ao seu verdadeiro papel no cumprimento do dever de profissional e empregado, para manusear o controle da tarefa e cumprir com sua carga de trabalho.

Mostrando assim que tais conceitos mesmo com o decorrer dos séculos de história e desenvolvimento teológico e hermenêutico, ainda são tidos como emblemáticos e suscitam um olhar cuidadoso e muitas vezes delicado, quando é gerada a intenção de corporificar tais conceitos em um ser humano factível e implicado por inúmeros atravessamentos, que fazem dele, o profissional que trabalha com a religião e se torna oficial dela, como inadequado para a personificação de tais conceitos.

Quanto a isso podemos também aludir ao fato que todos esses fenômenos podem gerar a partir da relação de duas pessoas e o emprego errôneo do sentido de divinização de uma delas, pois quando isso acontece pode ser nomeado como “Abuso Espiritual”, que pode ser definido nessa relação de uma pessoa forte e uma mais fraca e que a forte atua e usa o nome de Deus para legitimar suas ações e influenciar a outra e leva-la a tomar decisões que acabam por depreciá-la e diminuí-la de forma física, emocionalmente e até materialmente.

Esse tipo de abuso pode ocorrer de diversas formas, que podem ser vistas por outras pessoas, ou até mesmo de forma sutil, onde ninguém presencia, a não ser aquele que está sendo submetido ao abuso e se torna refém dele.

Esse tipo de fenômeno é fruto e consequência de uma mistura de valores e incorreto entendimento do sagrado e divino enquanto tentativa de comunicação e vivência desses, na nossa psique humana.

A relação do homem com seu trabalho

De acordo com Merlo (2002), a escola Dejouriana define o campo da Psicodinâmica do Trabalho como aquele do sofrimento e do conteúdo, da significação e das formas desse sofrimento e situa sua investigação no campo do infrapatológico ou do pré-patológico.

Para ele o sofrimento é um espaço clínico intermediário que marca a evolução de uma luta entre funcionamento psíquico e mecanismo de defesa por um lado e pressões organizacionais desestabilizantes por outro lado, com o objetivo de conjurar a descompensação e conservar, apesar de tudo, um equilíbrio possível, mesmo se ele ocorre ao preço de um sofrimento, com a condição que ele preserve o conformismo aparente do comportamento e satisfaça aos critérios sociais de normalidade. Visando também perceber o sofrimento em situações de trabalho onde os indivíduos estarão submetidos e pelo olhar da psicanálise tentar compreender frente a uma situação de agressão ao Ego, quais mecanismos o sujeito vai lançar mão para se proteger.

O sofrimento pode tornar-se o instrumento de uma modificação na organização do trabalho ou gerar um processo de alienação e de conservadorismo. Este segundo caminho explica-se pelo fato de que, após terem-se desenvolvido mecanismos de defesa contra a organização do trabalho, torna-se penoso tentar uma modificação nessa situação. Como descreve Dejours (1993 apud MERLO, 2002 p.43), a ideologia defensiva funcional tem por objetivo:

“mascarar, conter e ocultar uma ansiedade particularmente grave. [...] É ao nível da ideologia defensiva, na medida em que se apresenta como um mecanismo de defesa elaborado por um grupo social particular, que se deve buscar uma especificidade [...]. Uma ideologia defensiva não é dirigida contra uma angústia originada de conflitos intrapsíquicos de natureza mental, mas ela é destinada a lutar contra um perigo e um risco real [...]. Uma ideologia defensiva, para ser operatória, deve obter a participação de todos os interessados e [...], para ser funcional, deve ser dotada de uma certa coerência”.

O sofrimento no trabalho

Quando pensamos espontaneamente sobre sofrimento o mais comum é irmos à direção da referência do sofrimento físico. Pois nesse sentido a doença física prejudica a produtividade e a rentabilidade de qualquer empresa no mercado de trabalho. Em contrapartida, o sofrimento mental é explicado como necessário à submissão do corpo. Como citado por Dejours (1992, p.96) “a erosão da vida mental individual dos trabalhadores é útil para a implantação de um comportamento condicionado favorável à produção. O sofrimento mental aparece como intermediário necessário à submissão do corpo”.

Portanto, quando falamos do profissional que trabalha no meio religioso queremos aqui nos ater ao ministro/pastor de Igreja protestante que se dedica ao trabalho de administrador da Igreja como empresa, aconselha e orienta os membros dessa comunidade e os agregados, faz o trabalho de proselitismo religioso, que é o de divulgar o conteúdo de sua crença e fazer com que outros acreditem e o siga, ele também treina os líderes que estão sob o seu comando para que os trabalhos das reuniões diárias

possam ocorrer de forma organizada. Também é esse mesmo líder que prepara uma mensagem que é chamada de sermão e que se torna o momento mais importante da liturgia que é chamada de culto, que é originado da palavra cultuar que entendemos bem como prestar homenagem ou divinizar alguém/algo que consideramos que é digno de tal cerimonial.

O trabalho que aqui é descrito é feito de forma corrente e determinada por calendário de eventos e por rotina diária. O ministro se dedica à sua rotina de trabalho sem determinação de tempo para descanso diário e se envolve com os afazeres da congregação/Igreja durante todo o dia e alterna os dias de culto que tem a noite com outros afazeres que também constituem o arcabouço das funções que deve desempenhar como líder e mantenedor do status corrente e desenvolvimento do grupo que deve sempre crescer.

E é a partir da quantificação que o controle é exercido, nos países ocidentais onde o poder do capitalismo impera muitas vezes as igrejas são confundidas com centros de atração e de consumismo, onde o material que é negociado nem sempre está exposto em vitrines, mas sim um valor subjetivo que é prometido por esse líder e no qual a moeda de troca dos participantes é o dízimo, a frequência e a dedicação.

Como exemplificado por Peterson (2009, p. 42), pastor americano, em seu livro sobre o assunto da vocação pastoral dizendo,

“O barco religioso, bem construído como é, cheio de passageiros, não é o lugar certo para um pastor. A atividade religiosa é muito popular. Existe absoluta liberdade religiosa, o que significa que podemos ser religiosos de qualquer maneira que quisermos. Entretanto, a maneira como queremos não se assemelha nem um pouco a dos originais bíblicos. A religião americana é basicamente uma religião de consumo. Os norte-americanos vêem Deus como um produto que irá ajuda-los a viver bem ou melhor. Movidos por essa visão, eles fazem o que consumidores em geral fazem: procuram a melhor oferta. Pastores, que mal veem o que estamos fazendo, começam a fazer acordos, “marketizando” a linha de produtos de Deus a fim de atrair pessoas e depois criar maneiras de superar os que competem pelo mercado. A religião nunca esteve tão envolvida com relações públicas, com a imagem diante do público, vendas técnicas de propaganda e marketing e espírito competitivo. Pastores que crescem nessa atmosfera não veem nada de errado nessas práticas. É o bom e velho sistema de livre empreendimento que funciona muito bem para todos, exceto os pobres e algumas minorias” (PETERSON, 2009 p. 42)

E isso, nós também podemos ver de igual forma em todos os países ocidentais. Portanto, em nossa cultura atual, nem os centros de culto escapam à lógica do capitalismo selvagem onde domina a ordem do fazer, do poder e do produzir e que vai em contraposição ao proposto pela bíblia, livro que orienta tanto o ministro como o grupo, que diz que o “ser” é melhor que o “fazer”.

Por conseguinte, a discrepância entre o que aprendeu sobre a natureza da sua vocação e a forma como executaria isso em forma de trabalho cotidiano, elese vê às voltas com uma rotina que é extremamente cansativa tanto fisicamente como psicologicamente, pois luta dentro de si com a materialização do conteúdo sagrado a ele imposto no sentido de ter que provar a sua veracidade não no poder do seu conteúdo, mas no poder que tem de produzir e quantificar esse conteúdo e estar apto para a competitividade que impera o meio capitalista. Assim sendo, essa repetição de afazeres em muitas circunstâncias além de não estar limitada a um horário regular, também se estende por anos a fio sem passar por reciclagens de nível pessoal, suporte físico (auxílio saúde e qualidade de vida) e sem apoio psicológico que lhe daria maior estrutura para lidar com uma demanda muito grande de problemas de vários níveis e quantidades.

Os anos de trabalho religioso, as pressões internas (endógenas), que tem a ver com a quantificação e reprodução em massa do que seria o imaterial em forma de sucesso em escalas quantitativas ao ponto de reproduzir a olhos vistos aquilo que na verdade é assimilado no consciente por meio de um ato de fé; e as externas (exógenas) exercem fortes limitações e geram frustrações diversas sobre esse trabalhador, sendo que a maior das pressões enfrentadas, além do esgotamento físico é o fato de lidar com um mercado de trabalho que lida com a relação do espiritual e do concreto, dos comportamentos humanos em meio a uma sociedade de consumo e os valores opostos do conteúdo do Evangelho do cristianismo do primeiro século.

Todos esses conflitos que passam a gerar o sofrimento psíquico na sua relação com o trabalho é um espaço clínico intermediário que marca a evolução de uma luta entre funcionamento psíquico e mecanismo de defesa por um lado e pressões organizacionais desestabilizantes por outro lado, com o objetivo de conjurar a descompensação e conservar, apesar de tudo, um equilíbrio possível, mesmo se ele ocorre ao preço de um sofrimento, com a condição que ele preserve o conformismo aparente do comportamento e satisfaça aos critérios sociais de normalidade, pois nesse sentido, ser normal é ser produtivo e eficiente.

Ainda segundo Merlo (2002), outra característica importante é que a Psicodinâmica do Trabalho visa à coletividade de trabalho e não aos indivíduos isoladamente. Após diagnosticar o sofrimento psíquico em situações de trabalho, ela não busca atos terapêuticos individuais, mas intervenções voltadas para a organização do trabalho à qual os indivíduos estejam submetidos. Ela tem como uma de suas vertentes fundamentais as categorias da Psicanálise. Assim, compreende que frente a uma situação de agressão ao Ego, o indivíduo defende-se, primeiramente, pela produção de fantasmas, que lhe permitem construir uma ligação entre a realidade difícil de suportar, o desejo e a possibilidade de sublimação.

A sublimação através das leis da religião

Um dos elementos que devem ser considerados na defesa contra o medo é o “costume”, a rotina, o hábito, o igual. Portanto o que podemos perceber disso é que os costumes e a necessidade de repetição em ritos religiosos, a pouca inovação e a preservação da tradição nos dizem de um medo não revelado. No relato histórico do processo de implantação do capitalismo e de quando era no posto de empregados e trabalhadores nas fábricas, podemos ver que esse sempre foi um mecanismo de defesa em relação à ansiedade. Como referido por Dejours (1992) tal sentimento e intensão de

continuidade e sua manutenção com pouca tolerância para o novo pode ser observado assim,

“se o jovem operário supera com sucesso seu teste de início do trabalho, o hábito, as ‘dicas’ e a participação da vida coletiva irão aliviar seus esforços. Mas uma mudança de posto de trabalho, a multidão de tarefas, a polivalência ou a instalação de um equipamento novo reativam a ansiedade. Ao contrário, o tempo parece ter um papel essencial em relação à luta contra o medo” (DEJOURS, 1992, p.111).

Portanto, a manutenção dos ritos muitas vezes tem o sentido protetivo e até camuflador daquilo que vem de encontro ao ego para ameaçá-lo. Tais constantes ameaças vão demandando uma estrutura bem rígida de distanciamento do que pode promover a aproximação da ansiedade, que nesse sentido também aproxima a ideia de exposição daquilo a que o ambiente e a produção no trabalho impõem ao ego do pastor/líder.

E é nessa direção que o Ego vai lançar mão de mecanismos de defesa como a negação, para ocultar toda a vulnerabilidade e promover um dispositivo que lhe dê a necessária segurança no seu desempenho profissional.

A concepção que o religioso tem da vida passa por uma negação da realidade, como também recalçando e sublimando tudo aquilo que pode ser compreendido de uma forma diferente dos parâmetros que o conceito religioso engloba, onde os sacrifícios exigidos por esses conceitos são feitos. A mudança nos valores da vida religiosa, principalmente na questão da responsabilidade humana no conseguir manter-se nesse nível de percepção da espiritualidade tem, ao longo dos anos, feito um trabalho massificante no meio religioso, onde nesse sentido, podemos distinguir um comportamento alienante em que ninguém tem o direito e nem se sente seguro para pensar diferente, com capacidade crítica, mas, pelo contrário, o comum é o pensamento igual e uniforme.

A religião não somente propõe uma resposta para o ser humano, mas o coloca também numa condição de oposição ao conceito de “santidade” (separação do mundo e suas práticas) do que é próprio de Deus. O contraste e a limitação não são facilmente aceitos e a exigência é uma conciliação entre a vida que é própria de Deus e a vida do religioso, que por ser um imitador precisa colocar-se na mesma posição, onde a visão do “mundo” (entende-se por coisas seculares que são opostas à espiritualidade) investe o religioso numa condição de vida em que somente através do seu esforço atingirá um nível de espiritualidade desejado por Deus.

Nesse sentido, podemos perceber que todo o conjunto de regras religiosas são usados para controle do corpo e a inserção da lógica do mercado que massifica o corpo, o dociliza para o uso da ordem de produção. Como referido por Peterson (2009):

“O que significa representar o reino de Deus numa cultura devotada ao Reino do eu? Como é que palavras delicadas, vulneráveis e frágeis sobrevivem à competição com o dinheiro, armas e os tratores? Como é que pastores, que não fazem nada acontecer, mantêm uma identidade robusta numa sociedade que paga muito dinheiro a cantores de música sertaneja, traficantes de drogas e barões do petróleo? Vi ao meu redor homens e mulheres, pastores, criando uma identidade vocacional a partir de modelos oferecidos pelos “principados e potestades”. Todos os modelos enfatizavam o poder (fazer as coisas acontecerem) e a imagem (parecer importante)” (PETERSON, 2009 p.55).

Essa visão e prática de vida o colocam numa condição permanente de tensão e a opressão que se enxerga no meio religioso o mantém cativo a esse pensamento. As doenças que vem desta situação são muito acentuadas, gerando inclusive dores e sentimentos de inutilidade, de baixa autoestima e também uma condição precária em que as exigências são altas demais (compara-se sempre com uma vida perfeita de Deus) e essa comparação traz uma grande frustração consigo mesmo o que também gera uma cobrança de outros que estão abaixo da sua responsabilidade e cuidado – é uma cadeia de cobrança onde as proposições objetadas passam pelo critério de não se conseguir nunca satisfazer a “divindade” e, portanto nunca, ao longo da existência, há um sentimento de satisfação, alegria e paz.

No líder religioso isso é ainda mais real, pois via de regra as condições de trabalho, exigências, frustrações com transformação de pessoas, decepção consigo mesmo e seu rendimento, falta de crescimento de sua comunidade local, dificuldades em estabelecer comprometimento das pessoas pelas quais está responsável, dentre outros fatores, contribui para que essa sublimação se transforme em condição de condenação, julgamento e até mesmo manipulação de pessoas sob sua liderança, exercendo um nível de controle elevado na tentativa de esconder suas dores e não deixar que outros tenham uma liberdade para ser e agir nas situações em que ele mesmo, o líder, não encontra para si.

O alto nível de exigência é passado para as comunidades, gerando uma opressão e controle de práticas e vivências que são tidas como pecaminosas justamente porque não respondem afirmativamente ao modelo de vida da “divindade”. Esse nível de frustração, entre aquilo que é propriamente imanente e concreto e o que é transcendente leva a vida para um limbo existencial e a realidade do dia a dia passa a ser um contraponto da vida que é considerada real. O real é o imaginado, não o que se vive dentro das limitações humanas. Deus parece não ser possível de se perceber em meio à vida, apenas na prática cültica dentro dos templos.

Ideologias defensivas

O que afasta totalmente, impedindo o exercício da profissão no caso do trabalhador religioso do seu trabalho é o conceito de pecado, desvio de conduta padronizada e definido culturalmente pelo meio que está inserido. Toda forma de afastamento é censurada tanto formalmente como implicitamente e para que o profissional pastor se mantenha na ativa e produza seus correspondentes frutos do trabalho, ele precisa agir de forma coerente com o cargo a que se propõe.

Enquanto os trabalhadores das indústrias tentam se manter afastados da doença e a acham até vergonhosa, desenvolvendo assim vários mecanismos de afastamento da doença que paralisa o corpo e o inutiliza para o trabalho, tais ideologias também são vivenciadas pelo profissional da religião não de igual forma que o trabalhador industrial, mas de forma bem adaptada ao seu meio e voltada principalmente para a contribuição de um ambiente que lhe favoreça e ao mesmo tempo lhe imponha o não estar impróprio ou mesmo inválido para o trabalho.

É perceptível e inconsciente o desejo que o pastor tem de orientar seus pensamentos e comportamentos em direção a uma vida celeste ainda não vivida e até muitas vezes pouco conhecida, como também um senso escatológico que tem mais uma motivação de escape das coisas que o podem prender e dar espaço para a realização de suas pulsões.

Tentar reprimir os desejos que o fazem se voltar para o lazer e para o envolvimento do corpo com o prazer das “coisas desse mundo”, se torna então sua meta por muitos anos e o condicionamento desse corpo é o objetivo principal da carreira do pastor/líder.

Vemos aí então bem destacada a ideologia do desvio, do viver longe do alvo, e esse alvo que pode ser chamado de céu desconhecido, é completamente oposto a um mundo que pode ser qualificado como inadequado para o cristão e o profissional que vive da religião, e que faz dessa o seu trabalho. As atitudes e comportamentos em relação à “vida celeste” que deve ser vivida ainda nessa vida, deixam bem evidentes o quanto de medo e esquivas o ministro demonstra quanto ao seu oposto que o desqualifica para o trabalho e a produção. Freud (1924) já nos falava quanto a isso:

“Uma neurose geralmente se contenta em evitar o fragmento da realidade em apreço e proteger-se contra entrar em contato com ele. (...) na neurose não faltam tentativas de substituir uma realidade desagradável por outra que esteja mais de acordo com os desejos do indivíduo. Isso é possibilitado pela existência de um mundo de fantasia, de um domínio que ficou separado do mundo externo real na época da introdução do princípio de realidade. (...) Vemos, assim, que tanto na neurose quanto na psicose interessa a questão não apenas relativa a uma perda da realidade, mas também a um substituto para a realidade” (FREUD, 1924 p.208).

Mas esse pensamento religioso veio se formando ao longo das épocas. No início, de acordo com a visão do pensamento judaico transcrito no texto bíblico, tanto o bem como o mal vinham da mesma fonte: Deus.

Com o passar dos anos, a influência de religiões fora do contexto judaico, principalmente nos anos 700 e 600 a.C., quando os judeus passaram quase um século em contato com a vida e a teologia dos Babilônicos, sofreram influência do Zoroastrismo, criando então aí um dualismo entre as realidades, onde o bem era uma força separada do mal e portanto opostas e em guerra entre si.

Cria-se aí a figura de um inimigo do mesmo tamanho de Deus (Satanás) que em oposição a Deus transforma tudo o que é do mundo (secular) em profano, em mal, em impuro. O texto do Novo Testamento é influenciado por este pensamento dualístico e chega até os dias de hoje transformando a visão do religioso dos dias atuais nessa contradição da vida dualista, onde se entende que o mundo do sagrado (na transcendência, de Deus acima do mundo) tem predileção ao mundo profano (na imanência, da vida do ser humano).

Querer então o céu é desejar sair desse mundo imanente para o transcendente, onde tudo é puro e nada é profano. É um deslocamento, jogando para uma realidade que não pode ser vivida aqui, projetando-se então para o futuro, numa escatologia (teoria sobre o fim de todas as coisas) futurística deixando a normalidade da vida do dia a dia como um peso morto a ser deixado quando da morte.

E de acordo com tudo isso, o corpo só pode ser aceito na palidez do não desejo, onde se condiciona por uma vida inteira a viver uma vida que lhe é completamente oposta à sua

natureza pulsional. Somente o corpo que transparece santidade e divindade é aceito e adequado, pois nesse caso se torna produtivo para o trabalho.

A linguagem expressa pelo corpo é a linguagem abraçada pelos gnósticos que para se adequarem melhor aos seus preceitos afirmavam a impureza do corpo e a pureza do espírito, sendo essa a confissão de fé dessa seita que no período dos pais da Igreja, no Novo Testamento, tomou tanta forma e mesmo sendo repudiada pelos apóstolos, conseguiu muitos adeptos e se enraizou no pensamento moderno dando força a essas ideologias que corroboram com o pensamento vigente do trabalhador que lidera e professa a crença vivida nesse ambiente de trabalho que são as igrejas.

Toda essa ideologia tem como objetivo e finalidade manter o corpo que trabalha sendo controlado para a produção e essa é a ordem que geral. Sendo que só vem a fracassar com atitudes individuais através dos ditos pecados não perdoáveis como o adultério, a sexualização exacerbada, a vida voltada para o alcoolismo, o tabagismo e outros ditos pecados que desqualificam o pastor para o serviço do seu trabalho, também chamado ministério.

É interessante também observar que o esforço material e principalmente psicológico para sobreviver seria realmente incompreensível se não fosse sustentado por esse sistema mental tão sólido. E como é coletivamente aceito, elaborado e alimentado, funciona muito bem. Então destacamos a positividade de tal ideologia do não viver como ser desejante nesse mundo e nesses dias, mas como fantasmas que só são percebidos como espirituais num mundo carnal e real.

O custo de se viver dessa forma é muito grande. A não aceitação da reflexão para novas formas de agir respeitando o corpo que trabalha, ouvindo o gemido em forma de depressões ou mesmo a agressividade que insiste em encontrar um canal de escoamento na psique. Tudo isso sendo ainda mais agravado pelo fato da selvageria que o capitalismo a cada dia mais impõe.

E como em muitos casos, nenhuma saída é proporcionada, ocorre então o “*mascaramento*”, que é a necessidade de viver com máscaras, viver se escondendo para conter e ocultar a ansiedade que é particularmente grave e não só conter angústias que são provenientes de conflitos intrapsíquicos de natureza mental, mas sim como podemos perceber lutando contra perigos que são de fato reais para o trabalhador, pois ele vive e sustenta a sua família com o salário que ganha e para muitos desses profissionais, nenhuma outra qualificação no mercado de trabalho pode ser conseguida, pois ele se dedicou anos a fio somente a esse serviço e se torna desqualificado em muitos sentidos para outras áreas de emprego.

Processos de enfrentamento: despersonificação processual

Existe uma crise no movimento religioso brasileiro, seja ele de qualquer vertente, que é uma crise de identidade. Há um processo que pode ser chamado de despersonificação processual, pois é, de forma geral, uma "perda da identidade" - pois a ideia de que esse meio religioso, que deriva do legado religioso oriental, foi trazido para o Brasil por ocidentais e junto com essa religião, trouxeram também seus costumes, sua cultura.

A vivência do trabalhador nesse contexto vai se tornando como essa despersonalização que se dá em resposta ou imposições que se sente a partir da visão de mundo que o religioso tem. O ser humano no meio religioso passa a não considerar como desejável o ser um sujeito, mas é parte de um “corpo”, é apenas parte e não inteiro gerando um processo pelo qual a pessoa não é levada em conta, mas sim uma comunidade, um corpo.

Esta é, talvez, a principal questão de doença no meio profissional religioso, pois esse segue a lógica de que é necessário “substituir” Deus na vida das pessoas com ações “sobrenaturais” muitas vezes fabricadas na mente e executada em meio a muitos delírios de controle e dominação dos fiéis.

O sofrimento psíquico de que aqui estamos falando, é algo que está inerente a todos os profissionais que restringem o seu modo de vida a poucas condições de trabalho que podem lhe acrescentar satisfação pessoal e desenvolvimento.

Quando estudamos as repercussões que a utilização do conceito de psicodinâmica do trabalho, definido por Christophe Dejours percebemos que, mesmo em ambientes que se pressupõe um equilíbrio psicológico, podemos ver um perfil de profissional, que aqui é o que se envolve com cultos frequentes, aconselhamento, cuidado integral dos que pertencem ao “rebanho”, e esse cuidado muitas vezes demanda uma disposição de vinte e quatro horas por dia e por todo o ano, sendo que muitos desses profissionais durante muitos anos nem tiram férias. E, portanto, para assim conviverem em condições desestruturantes para o nível de normalidade que compreende a sociedade em que vivemos nos dias de hoje.

Tal teoria propõe-se a estudar o espaço que separa um comportamento livre de outro estereotipado, referindo-se a palavra livre, aqui, ao modelo comportamental que faz intervir uma tentativa visando a transformar a realidade que o circunda, conforme os desejos do sujeito, no sentido do prazer.

Lidório Júnior (2007) afirma com propriedade, sobre esse processo de despersonalização processual:

“O sentimento de individualismo vivido conjuntamente por muitos gera uma sociedade corporativista, pois o que importa é atingir os objetivos estabelecidos pela própria razão, mesmo que em detrimento de uma conduta aética; assim se cria a *despersonalização processual*, processo pelo qual o todo corporativista vai substituindo o censo de comunidade” (LIDÓRIO JÚNIOR, 2007 p.02).

No processo de contextualização de qualquer situação, a permanência passa a ser dirigida de dentro para fora, nascendo e crescendo organicamente. No caso do Brasil, a religião trazida foi colocada dentro de nossa cultura como um pacote fechado - religião, dogmas, crenças mais a cultura do "transmissor".

Com o passar do tempo a crise de identidade no meio religioso se instaura, porque esse, não se sente pertencente a uma cultura oriental como a dos judeus que foi originada dos hebreus (grande parte dos textos bíblicos são dessa cultura) e também não se sente pertencente a uma cultura ocidental nos moldes dos Estados unidos e tudo passa então a

não fazer mais sentido. Inicia então o processo de importação de mais "ideias" sobre religião, e importações de modelos que dão certo "lá fora" para a implementação no Brasil das mesmas práticas.

É comum pensar que é necessário “acompanhar os tempos” para que o cotidiano se transforme em contemporâneo e assim se ilude com a graça que a mudança constante, o “não parâmetro”, traz para a vida, onde o que vale é apenas uma mescla do que se aprendeu no passado (referencial teórico) com o que se vive hoje (exigência social) e com o que se idealiza ou se espera de cada um (despersonalização processual), sem que essa mescla importe em vivenciar os conceitos, mas sim, tudo é apenas nebulosamente parecido.

Os Referenciais teóricos dos dias passados trazem sobre o ser humano moderno uma agonia – tudo é muito antigo e ‘démodé’. A geração que experimenta o virtual não quer saber do passado, projeta-se apenas para o futuro, nem o presente é mais real que o futuro. Os marcos e vivências estabelecidos são normas de conduta para serem quebradas, portanto, não tem valor prático, mas é apenas referencial de como já foram as coisas.

A exigência social nos dias de hoje é tão diversa e difusa como luzes da aurora boreal. O estabelecido é o “não estabelecimento” de nada que se imponha, que se exija e que se espere.

Não se deve olhar para o passado, nem para o presente como um tempo que tenha a dizer ou ensinar-nos alguma coisa, mas sim apenas conscientizar-se que isso faz parte da vida e que, portanto, é um gerador do futuro – a Despersonalização processual, onde inauguramos a era do RFID (Radio Frequency Identification – “Identificação por rádio frequência”) onde um chip implantado poderá fornecer identificação, localização, monitoramento, dando a nítida sensação de que o termo aldeia global faz cada vez mais sentido e o sentimento isolacionista que movimenta o coração do homem em busca de felicidade pessoal tem seus dias contados, sendo substituído pela necessidade corporativista cada vez mais presente através de associações, conglomerados, fusões empresariais etc.

Paul Tournier, em seu livro *Mitos e Neuroses* (TOURNIER, 2002 p.13) exprime que “quando se pretende por valores entre parênteses, quando se vive como se eles não existissem, o natural é finalmente chegar a negá-los e viver segundo seu próprio gosto e prazer”.

E é nesse ponto que acontece essa despersonalização, aonde o Ego não vai dando conta de reproduzir a vivência concretizada de um Deus transcendente, e que optar por fazer disso o objeto de trabalho e de reprodução em série se torna uma escolha difícil, desgastante e que como processo de enfrentamento na verdade é uma desistência dos objetivos iniciais de qualquer pastor e líder que tem como intuito o agradar a Deus sobre todas as coisas e amar ao próximo, como principais mandamentos de sua vida.

Desistindo de “substituir” deus na vida das pessoas e lidando com o sofrimento

O tentar evitar olhar e entender o que está posto à frente, como fato concreto (no caso do meio religioso tendo como realidade a vida ser diferente do “ideal” de Deus) nos faz

querer de certa forma nos proteger e então, substituímos o “desagradável” (não conseguir ser como Deus é) por outra postura, que fica mais de acordo com o que parece ser a concretização de nossos desejos.

E como desejo, podemos concordar com o pensamento Dejouriano (BETIOL, 1994 p. 36), que esse desejo “é uma intenção de reencontrar os *signos* das primeiras *experiências de satisfação* da infância, ele reenvia a um passado e a uma história individual”.

Envolvendo nesse momento muita coisa, até mesmo a tentativa de “ser deus” na vida dos outros, mandando, ordenando, controlando, formatando. E isso nos aponta também o sentido que a religião trás para a humanidade no sentido de retomar e repetir sensações de “providência” e cuidado por um pai, nos apontando para o complexo de Édipo onde vivenciamos primeiramente todas essas sensações. Como postulado por Freud (1939) nos aludindo sobre esse assunto:

“Em meu escrito intitulado *O futuro de uma ilusão*, tratou-se muito menos das fontes mais profundas do sentimento religioso e muito mais daquilo que o homem comum entende por sua religião, do sistema de doutrinas e promessas que, por um lado, lhe esclarece os enigmas deste mundo com invejável completude e, por outro, lhe assegura que uma Providência cuidadosa selará por sua vida e, numa existência no além, lhe compensará eventuais frustrações. O homem comum não consegue imaginar essa Providência de outro modo a não ser na figura de um pai grandiosamente elevado. Somente um pai assim é capaz de conhecer as necessidades da criança humana, compadecer-se das suas súplicas, apaziguar-se com os sinais de seu arrependimento” (FREUD, 1939, p.58).

Essa “neurose do poder” tira o contato real com Deus, da pessoa dele, o relacionamento com ele e faz de si mesmo “ídolos”, querendo tomar o lugar de Deus na vida das pessoas.

Esse poder nas mãos do líder religioso acaba por ser utilizado para manipular e controlar as mentes das pessoas, falando em nome de Deus, usando Deus como um objeto para sua própria vontade e manifestação, acercando-se de uma autoridade, quase sempre auto imposta, que é apenas substituto para sua espiritualidade.

A desistência desse fator, ou a desistência do lugar no “trono” não somente é necessário, mas urgente na vida dessas pessoas que se investem de tal cargo. O enfrentamento desta realidade, que é assumir para si que não é Deus e para o outro com quem se está convivendo, sendo isso um “retirar das máscaras”, pode ser uma boa solução para o problema.

Enfrentar a realidade nesse caso é encarar a limitação da sua vida em um processo que podemos chamar de “encarnacional”, onde esse profissional religioso “deixa o céu”, deixa o lugar de Deus para Deus e encarna em sua própria vida, limitada, sem muitas saídas, mas aprende através do confrontar-se e com o transcender de si mesmo para uma realidade presente e desce do trono de si mesmo para ser humano, pobre, necessitado, alegre, triste, satisfeito, insatisfeito, mas humano, sempre tirando o melhor proveito da vida e de tudo que a existência lhe oferece.

Somente quando esse líder “encarnar-se” como ser humano e passar a conhecer mais profundamente a si próprio é que esse processo de confronto virá e ele aprenderá a deixar de ser Deus na vida das pessoas para caminhar com elas lado a lado, sofrendo suas dores e participando de uma existência real de si mesmo.

Portanto, no intuito de entender como lidar com as dificuldades e sofrimento no contexto de trabalho que o pastor/líder enfrenta, precisamos nos deter na compreensão de que, esse sofrimento pode ser percebido em condições sociais e psicológicas e, para tanto, abrindo caminho para uma “lógica que é essencialmente defensiva ou essencialmente criativa” (BETIOL, 1994 p. 137).

Sendo assim, o sofrimento pode ser visto como intrínseco à relação do homem com seu trabalho, e que para isso, de nenhuma forma haveria uma solução para esse estado de coisas. Pois, desde que nos percebemos como seres humanos, que precisam sobreviver, nos deparamos também com a questão do sofrimento, e, por conseguinte, a sobrevivência do homem depende do seu trabalho, e esse mesmo trabalho implica o homem ao sofrimento.

No tocante a lidar com esse sofrimento o pensamento da escola Dejouriana (BETIOL, 1994) nos desafia a compreendê-lo melhor:

“Podemos distinguir dois tipos de sofrimento: o *sofrimento criador* e o *sofrimento patogênico*. O último aparece quando todas as margens de liberdade na transformação, gestão e aperfeiçoamento da organização do trabalho já foram utilizadas. Isto é, quando não há nada além de pressões fixas, rígidas, incontornáveis, inaugurando a repetição e a frustração, o aborrecimento, o medo, ou o sentimento de impotência. Quando foram explorados todos os recursos defensivos, o sofrimento residual, não compensado, continua seu trabalho de solapar e começa a destruir o aparelho mental e o equilíbrio psíquico do sujeito, empurrando-o lentamente ou brutalmente para uma descompensação (mental ou psicossomática) e para a doença” (BETIOL, 1994 p.137).

E já que seria impossível conviver sem alguma margem de sofrimento também na vida do profissional que trabalha se dedicando a ser o “*agente de Deus*” nesse mundo e mais específico para sua congregação, como ainda nos orienta o pensamento dessa mesma escola (BETIOL, 1994):

“O desafio real na prática, para a psicopatologia do trabalho, é definir ações suscetíveis de modificar o destino do sofrimento e favorecer sua *transformação* (e não sua eliminação). Quando o sofrimento pode ser transformado em criatividade, ele traz uma contribuição que beneficia a identidade. Ele aumenta a resistência do sujeito ao risco de desestabilização psíquica e somática. O trabalho funciona então como um mediador para a saúde. Quando, ao contrário, a situação do trabalho, as relações sociais do trabalho e as escolhas gerenciais empregam o sofrimento no sentido de sofrimento patogênico, o trabalho funciona como mediador da desestabilização e da fragilização da saúde” (BETIOL, 1994 p. 137).

É, portanto, um desafio ao profissional que lida com as igrejas e no contato constante com as pessoas que lhe são confiadas como congregação de uma denominação religiosa, entender que o sofrimento criativo entra como intercurso e meio de ressignificação do sofrimento no trabalho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A identificação de todas essas pressões que o ambiente organizacional lança para o profissional não nos leva a uma conclusão concreta de nenhum artifício que pudesse solucionar o caso aqui referido nestas páginas. Pelo contrário, tentando traçar o perfil desse profissional e procurando oferecer um olhar mais orientado pelas circunstâncias que o cercam, nos investimos de cautela, entendendo que o seu próprio trabalho é para sua vida um operador fundamental na sua construção como sujeito.

Como definitivamente assinalado pelo pensamento Dejouriano (BETIOL, 1994 p.143) que nos afirma,

“o trabalho não é apenas um teatro aberto ao investimento subjetivo, ele é também um espaço de construção de sentido e, portanto, de conquista da identidade, da continuidade e historicização do sujeito. Dessa forma, ao lado da economia das relações amorosas, a dinâmica das relações sujeito-organização do trabalho poderá ocupar um lugar significativo no processo de reapropriação e de emancipação de uma homem sempre em luta contra a ameaça de tornar-se doente, sempre em luta para conservar sua contribuição original à construção social, num movimento que, tendo em confiança a clínica, parece tão essencial quanto aquele que anima sua demanda de amor” (BETIOL, 1994 p.143).

A vida pressupõe o sofrimento como inevitável principalmente onde existam relações interpessoais ou mesmo as relações de cada um consigo mesmo e com as circunstâncias externas a si mesmo. No profissional do religioso não seria diferente, posto que é humano, portanto, sofre. Não passa de imaginação uma vida sem problemas, sem crises e, portanto perfeita. Sempre houve e haverá ataques à nossa vida, dos ambientes externos, das relações e da nossa própria visão de mundo.

O que se propõe como caminho é a transformação da realidade com o poder da criatividade, ou seja, viver de modo criativo. O sofrimento estará ali, as funções, as disfunções e todo o corpo da relação ainda continuará, mas é preciso aprender a viver de maneira a desfrutar dessa experiência, da experiência da vida, de ser humano de forma consciente.

Uma vida que não existe para a consciência, mas quer viver fora da realidade, sublimando coisas, deslocando eventos e situações é uma existência que não vale a pena. O que o viver criativo deve fazer é justamente colocar a sua vida no centro da questão e não as circunstâncias ou aparelhamentos de fora. A ideia central seria transformar o seu mundo, recriá-lo onde ele mesmo se encontra, com todas as situações inevitáveis, mas conseguindo prazer por estar vivo, por existir e assim o trabalho resultará não apenas num peso a ser carregado, mas num meio para que a vida seja vivida com alegria e contentamento.

Sérgio Franco (2010) mui sabiamente afirma o seguinte sobre o viver criativo:

“Esta é a criatividade em consideração: a capacidade de ação de quem está vivo e desfruta desse fato. A criatividade é vista como um atributo do existente que desfruta da sua própria vida. O que Winnicott está dizendo é que o ser precede o fazer, mudando a máxima existencialista. Caso contrário o que se tem é uma ação mecânica, heteronômica, legalista, moralista, doutrinária, em última instância, falsa. Ou o ser se desenvolve antes do fazer, ou o que resulta é uma artificialidade que se manifesta na ação clichê e responsiva” (Franco, 2010 p.01).

O caminho apontado para uma possível solução que é a de integração da vida, a alegria de se estar vivo ao objetivo do trabalho para que se crie um espaço interno que seja a favor da vida, para que se exerça a criatividade, a imaginação, recriando o mundo próprio com novos sabores.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERKHOF, L. *Teologia Sistemática*: São Paulo: Cultura Cristã, 2000.

BETIOL, M. I. S. et al.(Coord.). *Psicodinâmica do Trabalho*: Contribuições da Escola Djouriana à Análise da Relação Prazer, Sofrimento e Trabalho. São Paulo: Atlas, 1994.

CECCARELLI, P. R. *O estrato pulsional do sentimento religioso*. Polêmica Revista Eletrônica, Vol. 11, No 1, (2012). Disponível em: <http://ceccarelli.psc.br/paulorobertoceccarelli/?page_id=1196>. Acessado em 20 de maio de 2012.

CÉSAR, M C. *Feridos em nome de Deus*. São Paulo: Mundo Cristão, 2009.

DEJOURS, C. *A loucura do trabalho: estudo de psicopatologia do trabalho*. São Paulo: Cortez/Oboré, 1992.

FRANCO, S G. *Sofrimento e o viver criativo*. São Paulo: Revista Liceu On-Line, Vol. 1, No 1 (2010). Disponível em: http://200.169.97.104/seer/index.php/LICEU_ON-LINE/article/view/850/661. Acessado em 25 de outubro de 2012.

FREUD, S. (1974). *A dissolução do complexo de Édipo*. (J. Salomão, Trad.). Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas (Vol. XIX, pp. 215-226). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1924).

_____. (1856-1939). *O mal estar na cultura*. (Renato Zwick, Trad.). Poeto Alegre: L&PM, 2011.

GIL, A. C. *Como elaborar projetos de pesquisa*. São Paulo: Atlas, 2002.

LIDÓRIO JÚNIOR, G. J. *Oferecendo a esperança do reino de Deus a pessoas secularizadas*. In: Práxis Evangélica. Londrina: FTSA, 2007.

MERLO, A. R. C. Psicodinâmica do Trabalho. In: JAQUES, M. G.; CODO, W. (Orgs.). *Saúde Mental e Trabalho*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2002. p. 130-142.

MICHAELIS. *Moderno dicionário da língua portuguesa*. 2009. Disponível em: <http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?lingua=portugues-portugues&palavra=religi%E3o> . Acessado em 21 de outubro de 2012.

MOLTMANN, J. *Deus na Criação: doutrina ecológica da criação*. Petrópolis: Vozes, 1993.

PETERSON, E. *A vocação Espiritual do Pastor*. São Paulo: Mundo Cristão, 2009.

PRIBERAM. *Dicionário da língua portuguesa*. 2010. Disponível em: <http://www.priberam.pt/dlpo/default.aspx?pal=religi%C3%A3o>. Acessado em 21 de outubro de 2012.

RICHARDSON, R. J. *Pesquisa social: métodos e técnicas*. São Paulo: Atlas, 1999.

TOURNIER, P. *Mitos e neuroses: desarmonia da vida moderna*. São Paulo: ABU, 2002.

TILICH, P. *Dinâmica da fé*. 3. ed. São Leopoldo: Sinodal, 1985.

_____. *Teologia Sistemática*. 5ª edição. São Leopoldo: Sinodal, 2005.